

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Rodrigo Santiago do Nascimento Ananias

Geografia do Reggae: movimento Sound System em São Paulo

São Paulo
2021

RODRIGO SANTIAGO DO NASCIMENTO ANANIAS

Geografia do Reggae: movimento Sound System em São Paulo

Trabalho de Graduação Individual

Orientador: Rodrigo Valverde

São Paulo

2021

Sumário

Introdução	4
Capítulo I - O reggae: território da diáspora	8
1. 1 O surgimento do ritmo	8
1.2 São Luís, a Jamaica Brasileira: o início do Reggae no Brasil.	11
1.3 O início do reggae em São Paulo	12
Cap II - A territorialidade Sound System	16
2.1. Características do movimento sound system em São Paulo	16
2.2 Os sujeitos por trás dos coletivos	21
2.3 O conceito de lugar e a cultura reggae	23
Capítulo III - O Reggae agora é lei	24
3.1 Criação do Fórum do reggae	24
3.2 Aprovação da Lei - PL 0478/2019	26
3.3 O movimento reggae em São Paulo é um movimento social?	27
Considerações Finais	28
Referências Bibliográficas	30

Introdução

A cidade é caracterizada por Lefebvre (1991) como um espaço onde prevalecem o encontro e as diversidades, neste sentido, a urbe apresenta-se como possibilidade para o encontro de diversos tempos, agentes sociais, códigos e normas que dentro de um mesmo recorte espacial vão possibilitar sua construção, desconstrução e reconstrução.

Em um mesmo espaço urbano, observa-se diversas “cidades sendo construídas” cotidianamente, a mais visível aos olhos dos cidadãos por sua monumentalidade e espetáculo - a cidade do capital - e a menos visível, construída por relações outras que não apenas econômicas, mas de solidariedade e aproximação. Aparentemente aparecem dois projetos díspares de cidades, mas que fazem parte da mesma dinâmica de sua produção com seus paradoxos e complexidades. Portanto, projetos que se completam, influenciam e se reproduzem na vida cotidiana.

Entre os grupos que fazem da cidade o locus para a sua reprodução social este projeto pretende estudar a trajetória de coletivos de reggae formados em São Paulo nos últimos 20 anos. Iniciado na periferia das cidades, o movimento se espalha pela urbe apropriando-se de praças, viadutos e vias, transformando-os em territórios, inspirados no movimento e na música jamaicanas, onde propõe-se a fazer arte e festa através do que seus frequentadores e adeptos chamam de cultura sound system; ou traduzindo livremente cultura de sistema de som.

Os coletivos culturais são atualmente uma das expressões mais efervescentes dos movimentos sociais contemporâneos. O termo ainda não possui uma definição consensual, mas propõe-se que o coletivo cultural é um movimento independente e desierarquizado, formado por um grupo de pessoas unidas por interesses comuns, e que desenvolvem ações de cultura de oposição.

E considerando que a Geografia tem feito uma imersão no campo da cultura e as questões culturais têm se tornado importantes nas ciências sociais, o espaço território traduz de maneira eficiente e muito própria os elementos da cultura. Sendo possível fazer uma leitura da cultura a partir da sua dimensão territorial.

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise da territorialização dos coletivos Sound System na cidade de São Paulo. Para alcançar tal objetivo proposto, de analisar a territorialização dos coletivos de Reggae na cidade de São

Paulo, nos apoiamos na visão e métodos de Haesbaert sobre a cidade e nas concepções de territórios.

O território é em qualquer acepção relacionado ao poder, mas não o tradicional poder político, apenas. Diz respeito tanto a um poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico de apropriação. Distingue apropriação de dominação, o primeiro como sendo um processo muito mais simbólico carregado de marca do vivido, do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca. (Haesbaert, 2007, p. 21).

A partir desse raciocínio, desdobram-se os conceitos de território e territorialidades adotadas neste trabalho. O território será visto como espaço formal a partir de sua dimensão político jurídica proposto e produzido pela lógica capitalista hegemônica, especialmente através da figura do Estado moderno defensor de uma lógica territorial padrão (2001). No entanto, a territorialidade será encarada como o espaço-tempo vivido, frente a estes espaços formais e institucionalizados. O processo de territorialização será tratado como a forma de dominação e/ou apropriação do espaço em uma concepção mais flexível em que se admitem a sobreposição territorial seja sucessiva como nos territórios temporários ou em espaço multifuncionais nas áreas centrais das grandes cidades.

A escolha das variáveis operacionais para compreensão da territorialização dos coletivos adotaremos, primeiramente, os sujeitos envolvidos na construção deste território:

Enquanto continuum dentro de um processo de dominação e apropriação, o território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações - que é também e, sobretudo, multiplicidades de poderes, neles incorporados através dos múltiplos sujeitos envolvidos (tanto no sentido de quem sujeita como de quem é sujeitado, tanto no sentido das lutas hegemônicas quanto das lutas de resistência - pois poder sem resistência, por mínima que seja não existe). Portanto devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com quem os constrói, sejam eles indivíduos, grupos sociais culturais.

(Haesbaert, 2007, p. 22).

Tem-se o reggae e movimento sounds system como um signo identitário musical de populações periféricas e suburbanas, inspirados no movimento reggae

jamaicano. O conceito de lugar também é outra variável interessante para entender este movimento, a partir da concepção de territorialidade adotada, em que configura-se como dimensão do tempo vivido e não institucionalizado .

Como a globalização permite uma conexão imensa de elementos culturais, principalmente com os migrantes em diáspora e seus frutos culturais como o reggae, encontramos no lugar um conceito interessante para nossa análise. Considerando o lugar como dialógico, subversivo e insurgente das práticas globais, que nos possibilita perceber que existe uma interação dialética entre lugar e mundo e entre o local e o global dentro do processo de apropriação da cultura sound system jamaicana pelos coletivos paulistanos.

Na medida em que os coletivos de reggae, a partir da incorporação do movimento sound system jamaicanos, se ajustaram com os componentes do lugar para sua manifestação e apropriação em São Paulo, um desdobramento curioso acontece. Diferente de outras regiões do Brasil, como São Luiz, capital do maranhense conhecida como a *Jamaica brasileira*, os sound system se tornaram rapidamente populares e seus donos ligados à política local.

Reconhece-se a importância em estar ciente que esse mesmo lugar da insurgência, da subversão e da comunicação intensa, também é o lugar da rotina, da conformação, da alienação e da informação em detrimento da comunicação.

Encontra-se também no conceito de paisagem uma relação com o território de grande valor para este trabalho. A paisagem, na origem do conceito, dizia respeito às formas materiais da paisagem apenas, no entanto, hoje temos na paisagem as imagens que são utilizadas para representar as formas que são escolhidas como símbolo de um lugar e o apresentam a partir desses elementos. Encontra-se também uma série de políticas públicas que escolhem certas paisagem como mais representativas para simbolicamente mais relevantes para trazerem esse espaço a tona e esta política ser executada.

O método da análise das variáveis sujeitos, lugar e paisagens para compreensão da sua territorialização do coletivos acontece por meio análise integrada dos conceitos descritos ao longo deste trabalho, sem esquecer do método dialético em que "os pesquisadores confrontam suas opiniões, os pontos de vista, os diferentes aspectos do problema, as oposições, os pontos de vista, os diferentes aspectos do problema, as oposições e contradições; e tentam ... elevar -se a um ponto de vista mais amplo, mais compreensivo." (LEFÈBVRE, 1983, p. 171) .

Neste trabalho, elaborou-se uma base cartográfica com uso de SIG, especificamente os softwares Arcgis, mapeando o coletivo responsável pelo enraizamento do Reggae na periferia da cidade de São Paulo, associando-os a indicadores do IBGE.

Os coletivos de maior relevância foram e acompanhados em campo. E foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas, também chamada de entrevista em profundidade com os sujeitos que compõem os coletivos, visando obter do entrevistado o que ele considera como aspectos mais relevantes de determinadas situações, e remontar a origem do movimento em São Paulo.

Ainda através de trabalhos de campo, acompanhou alguns dos coletivos em suas festas e reuniões. Foram realizadas enquetes e os mini-questionários com perguntas diretas que demandam respostas imediatas com os frequentadores das festas sound system organizadas pelos coletivos.

Capítulo I - O Reggae território da diáspora

1. 1 O surgimento do ritmo

Conforme exposto em transmissão nacional (2019), a primeira vez que a palavra reggae aparece no Brasil é na canção de Caetano Veloso “Nine Out of Ten”, do álbum Transa, obra prima gravada durante seu exílio em Londres. No retorno ao Brasil, o artista faz turnê pelo país com seu novo álbum. Quando chega em Salvador, o show é censurado e Caetano é convocado, sob ordens da Ditadura Militar, a explicar a palavra reggae mencionada na canção. Na presente situação, a palavra não constava nos dicionários e o artista foi notificado que deveria provar que não tratava-se de um conceito obsceno ou subversivo.

A origem do reggae, enquanto ritmo musical, surgiu na Jamaica, país que carrega grande histórico de lutas anticoloniais. De acordo com Marquese (2006), na época da colonização a Jamaica possuía um exército revoltoso de aproximadamente 20 mil escravos, que pressionaram muito no fim da escravidão nas Antilhas. E diferente dos quilombolas do Brasil, os jamaicanos conseguiram sucesso.

O episódio de Palmares só teve equivalente na I Guerra Maroon da Jamaica (1655-1739) e na Guerra dos Saramaca no Suriname (1685-1762). Nesses dois casos, entretanto, os quilombolas conseguiram vencer as tropas repressoras, forçando autoridades e senhores a reconhecerem a liberdade dos grupos revoltosos.(Marquese, 2006)

No início do século XX, na Jamaica, nasceu um dos líderes negros mais importantes do mundo, chamado Marcus Garvey. Conhecido por ser um dos fundadores do pensamento pan-africanista, fez sucesso nos EUA com seu projeto de “Volta à África”.

Enquanto movimento, o pan-africanismo detém estratégias voltadas para o progresso da raça negra. Pode-se dizer, no entanto, que Marcus Garvey radicalizou e universalizou a unidade pan-africana no mundo. Fundou a Associação Universal para o Melhoramento do Negro para concretizar este ideal de retorno coletivo ao continente africano. A associação esteve presente em dezenas de países e chegou a milhões de colaboradores (GARVEY, 2017).

Nas palavras de Malcolm X (2017), todo movimento de libertação do povo negro que ocorreu no século 20 foi iniciado pelo trabalho do jamaicano Marcus Garvey. No âmbito cultural, pode-se dizer que todo movimento cultural urbano como o hip-hop, o punk e a música eletrônica devem-se à Jamaica.

Segundo Silva (1994, p.4950), citado por Moreira Neto (2011), na década de 60, a Jamaica presenciou uma efervescência cultural e política. A ilha americana teve independência, uma incipiente industrialização e êxodo rural. As favelas formam-se no centro e a população rural traz consigo todos elementos culturais do campo. E assimilando pelas ondas de rádio o jazz e rhythm blues norte americano, desde o início do século, misturando as músicas caribenhas criando seus primeiros ritmos próprios (2011, p.43).

A mistura do Mento com o ritmo blues, temperada pelas influências deixadas pelos tambores dos tempo da escravidão, originou ska durante a década de 60. Com instrumental Alegre agitado, as bandas de ska animavam os navios de turistas que visitavam a Jamaica. (Silva, 1995, p.51)

A origem do reggae está diretamente atrelada à resistência da população da Jamaica. O governo jamaicano exerceu forte controle sobre as rádios. Para fugir deste período de repressão, os proprietários de lojas de discos, passaram a montar sistemas de sons em carro ou furgão e, munidos de uma quantidade de discos chegadas de New Orleans e Miami, instalavam-se em algum quintal ou no mercado da região aos sábados à noite (1995, p. 21).

O grande impulsionador dos reggae foram os sistemas de sons jamaicanos, “os sound system” que se estabeleceram no país e agitaram a vida cultural da Ilha. De acordo com Silva (1995), inicialmente dependia do aumento do sucesso dos discos e ritmos americanos. Quando o rhythm and blues americano passa a ser substituído por outros movimentos musicais, os jamaicanos têm dificuldade em adquirir novos discos e voltam as produções nacionais que estavam florescendo.

Com o passar do tempo, a batida do ska foi alterada e novas influências rítmicas assimiladas, nascia portanto outro ritmo, o Rocksteady. Ritmo já urbano, onde os artistas jamaicanos pela primeira vez, tem a oportunidade de mostrar a sua consciência política e musical. Com letras de cunho explicitamente social e político e

as bandas mostravam a realidade jamaicana, a fome e a miséria dos bairros de lata, o desemprego e as perseguições policiais sofridas pela população negra das favelas.

Assim, em 1967, pela primeira vez, apareceu a palavra Reggae na Jamaica, em uma gravação do grupo Toots and Maytals denominado de “Do the Reggay”. O próprio vocalista do grupo definiu o termo Reggae como *vida do povo* (Silva, 1995 p.51).

Portanto, do contrário ao que esperava a censura de Caetano, não existe um significado específico para a palavra reggae. Segundo Silva (1995), alguns consideram originárias de línguas afro-caribenhos inglesas, presentes na Jamaica, significando raiva ou desigualdade, porém não se tem nenhuma conclusão definitiva sobre essa ligação.

É no reggae, portanto, que se encontra toda a expressão social, cultural e política da Jamaica, através de seus compositores e cantores que se tornaram profetas, críticos sociais e líderes espirituais do país, transformando-a numa espécie de movimento messiânico.(Silva, 1995).

O reggae foi assimilado rapidamente pelos sistemas de som do país, com isso, houveram competições a respeito de aspectos técnico-sonoros, que aconteciam nas ruas da capital. Os eventos eram marca do modelo de festa jamaicana. Somente após a consolidação dos sistemas de som e a explosão do reggae enquanto movimento na Jamaica que o movimento expandiu-se a Europa, à começar por Londres, destino em que Caetano Veloso conhece o ritmo.

Dessa forma, o reggae como ritmo musical foi caracterizado tecnicamente por sua harmonia e ritmo próprios, tornando-se assim popular, que repercutiu no sucesso de diversas estrelas jamaicanas, artistas que são reconhecidos mundialmente, como Peter Tosh, Bob Marley e Bunny Wailer. O movimento reggae trouxe consigo também a cultura rastafari, que então foi disseminada pelos quatro cantos do mundo. De acordo com Presta (2015), o movimento rastafari, de origem jamaicana, tem como base o movimento que surgiu aproximadamente em 900 a.C, relato que pode ser consultado no livro etíope Kebra Negast (Glórias dos Reis), que aborda a história dos reis e rainhas descendentes de Salomão.

O pan-africanismo está presente na fundamentação do rastafarianismo, afinal, segundo o Kebra Negast, o último herdeiro de Salomão foi o rei Ras Tafari Makonnen (Haile Selassie I), coroado imperador na década de trinta do século XX (2015, p.195). O líder, foi um importante personagem na luta histórica do povo africano contra a colonização europeia, que ainda está presente em diversos territórios americanos, asiáticos e africanos. Por conta disso, o reggae foi bastante influenciado por ideais rastafaris.

Se o reggae chegou a ser proibido em 1970, na década seguinte, a maior parte das grandes casas de show eram nomeados de *Reggae Night*. O efeito que sucedeu os anos de surgimento do reggae, pôde ser sentido através dos sistemas de som que invadiram São Luís do Maranhão, enriqueceram produtores, territorializaram a cidade e, por fim, se institucionalizaram.

De acordo com relatos de organizadores do movimento sound system, na São Paulo dos anos 2000, centenas de coletivos associados à cultura reggae foram formados, assim, puderam sentir as transformações trazidas para a cultura local. No Brasil, como apresentado em editais públicos de incentivo a cultura, são destinados até milhões por ano para o fomento do reggae pelo poder público, comprovando assim a institucionalização do movimento, além disso, a criação do Fórum Nacional do Reggae e Lei do Reggae somam-se às transformações que favoreceram a cena cultural.

1.2 O início do Reggae no Brasil: São Luís, A Jamaica Brasileira.

A capital do Maranhão teve forte influência do movimento reggae jamaicano. Segundo Brasil (2011), o apreço pelo ritmo caribenho, separado por 6 mil km, foi transportado para São Luís via marinheiros, ondas de rádio jamaicanas e semelhanças musicais. A festa jamaicana, caracterizada por seu sistema de som e a presença de discos de vinil, já estava presente em bailes da capital maranhense em 1970 (2011, p.56). A radiola, como são chamados os sistemas de sons em São Luís, passou por etapas importantes no território .

Com o passar dos anos, o esquema de profissionalização das radiolas e o reggae como produto é surpreendente. A partir da constituição de um grande público consumidor, iniciou uma corrida para se medir qual radiola é

a mais potente [...] como também a que tem as maiores dimensões e as cores mais vibrantes , logicamente relacionada com as cores da Jamaica e da Etiópia. (Brasil, 2011, p.143).

De acordo com o autor Brasil(2011), com o passar do tempo, somado ao empoderamento financeiro dos empresários de reggae, o movimento passa a ocupar espaço na grande mídia. Num primeiro momento passam a anunciar propaganda na rádio e tv sobre as festas. Em um segundo momento, em vez de anunciar propaganda, começam a produzir seus próprios programas de rádio e televisão

Ao longo dos anos, esses empresários de reggae, que são os donos de radiolas, clubes e produtores das festas, assim como os DJs, locutores de rádio e apresentadores de TV, conquistaram muita fama entre a massa regueira. O poder de mobilização do reggae e seus agentes junto aos adeptos do gênero musical, constituído por um grande contingente populacional, possibilitou a incursão de alguns magnatas do reggae na vida política institucional do estado do Maranhão. (Brasil, 2011, p.145).

Segundo Brasil (2011), essas relações podem ser observadas na trajetória empresarial e política do deputado federal Pinto Itamaraty, do PSDB, eleito para os cargos de vereador e deputado federal em 2000, 2006 e 2010. É dono de uma das radiolas mais importantes de São Luís.

1.3 O reggae em São Paulo

Em 2018, durante cinco meses ocorreu a exposição *Jamaica, Jamaica!*, no Sesc 24 de Maio, em São Paulo. No espaço, celebrou-se a cultura jamaicana e, parte deste trabalho, tem influência empírica deste evento.

A primeira festa do movimento sound system dedicada ao gênero musical reggae, em São Paulo, grande metrópole da América Latina, foi realizada em 2 de dezembro de 2001.

Já existiam festas com radiola na capital paulista, porém, elas eram em sua maioria frequentadas pela comunidade maranhense. No entanto, ainda era

inexistente a presença de uma festa dedicada ao reggae e via DJ seletores em São Paulo, como acontece na cultura sound system (Revista Sesc, 2018).

As primeiras festas que impulsionaram o gênero aconteciam no centro da cidade em pequenas casas noturnas. Contudo, segundo o organizador Fábio Murakami (2018), responsável pela primeira festa do gênero, o cenário começa a mudar e popularizar-se quando despretensiosamente as caixas de som passaram a ser colocadas na rua do pequeno bar que reuniu colecionadores de disco, DJ e amantes do reggae.

O impacto na paisagem, produzida pelas caixas de som, atraiu rapidamente o público e produtores culturais. O pequeno botequim virou referência e construíram coletivamente a primeira festa na rua. Formou-se assim o primeiro Sistema de Som de reggae da cidade, o Dubversão (2018, p.64).

Como apresentado na Revista da exposição Jamaica, Jamaica! (2018), o coletivo percorre a cidade em três anos e diversas outras equipes e coletivos de sons dedicados ao gênero se formaram na cidade.

O Dubversão começou a rodar pela grande São Paulo, fazendo festas desde o centro da cidade até as periferias mais distantes apenas pelo custo do carro, levando a cultura sound system aos quatro cantos da grande metrópole ponto foi assim que depois de uns três anos vírgulas e outros bairros começaram a montar seus próprios sistemas de som o primeiro deles Quilombo Hi-fi na vila Cachoeirinha zona norte da cidade. Depois foi a vez da África mãe do leão, da zona leste. (Revista Sesc, 2018, p. 65)

A partir do crescimento das festas, o sound system passou a "dominar" espaço para a realização de eventos, configurando uma territorialidade própria do movimento reggae na cidade. Diferente do desenvolvimento das outras metrópoles, o sound system e os coletivos se comportavam com solidariedade e colaboração (2018). A marca da competição entre os sistemas de som não existe em São Paulo, ao contrário do que acontecia na Jamaica, sobretudo em meados de 1970, como exposto por Moreira Neto (2011).

Segundo o Haesbaert (2004), o território exerce ao mesmo tempo e em diversas e diferentes combinações, a prática de ser funcional e simbólico, tanto para realizar "funções", quanto para produzir "significados". Pode-se dizer, a partir disso, que, a exemplo do coletivo Quilombo Hi, ao passar a realizar suas festas na praça

Zumbi dos Palmares e a ocupá-la com suas enormes caixas de som, também tornam-se parte do território. Assim, temos neste momento diversos coletivos, que surgem neste movimento, passam a ocupar áreas funcionais da cidade, territorializando-se.

Rafael Abel, aos 35 anos de idade, é uma das maiores personagens de coletivos culturais de reggae de São Paulo. Em entrevista para este trabalho, relata que, prestes a virar o milênio, em meados dos anos 2000, o movimento cultural da cidade de São Paulo passa a efervescer com a criação da virada cultural. O evento, que acontece uma vez por ano, durante o final de semana, é símbolo de reunião de diversos coletivos culturais da cidade. A partir deste momento, a cidade começa a experimentar o centro e os espaços não periféricos de outra maneira. Abel ainda relata que, em decorrência deste período, houveram transformações nunca vistas antes pelos movimentos culturais, principalmente à nível de incentivo público

Sob observação de Abel, na primeira virada cultural de São Paulo, a participação do sistema de som e coletivos de reggae ficaram à margem da programação. Numa esquina da praça da Sé, enormes caixas de som com seu público tomaram por completa uma das ruas. Ao passar poucos anos, o movimento de sound system torna-se hegemônico no cenário cultural, adequando-se como uma festa própria e representativa. O auge do movimento aconteceu em 2014, durante um fim de semana no Vale do Anhangabaú, no centro da cidade de São Paulo, onde ocorreu um festival que reuniu mais de 30 mil pessoas, impulsionado por diversos coletivos de sound system (Revista Sesc, 2018).

Considerando Haesbaert (2001), que observa que o território surge com duas conotações, sendo elas material e simbólica, a etimologia território expressa-se tanto próximo de *terratoritorium* quanto de *terreo-territor* (terror, aterrorizar). Com isso, formam-se multiterritorialidades. Compreende-se assim o alinhamento da noção de terror ao poder jurídico-político, sobretudo para aqueles que, diante da dominação aplicada pelo poder, segundo o autor, "...ficam alijados da terra, ou no "territorium" são impedidos de entrar." (2001). Ou seja, aqueles que não têm o acesso a esse território, por terem sido rejeitados, sofrem consequências concretas em suas realidades. Da mesma forma, aqueles que se apropriam deste território e usufruem do poder, podem apropriar-se dele, o sentido de poder, neste caso, está próximo do simbólico.

Diante disso, o conceito de território é refletido tanto a partir do olhar frente ao “poder político”, sentido de dominação (concreto), quanto o poder em seu sentido simbólico, de apropriação. O território, dessa forma, é colocado como uma contraposição à lógica capitalista hegemônica que o referencia de modo “unifuncional”, aqui entende-se o território como múltiplo, “diverso e complexo” (HAESBAERT, 2001).

Entende-se assim que, com os incentivos públicos para o acontecimento de festas sound system no centro da cidade, o movimento em São Paulo diferencia-se do Maranhão, as equipes de sons de reggae de São Paulo têm à sua disposição editais e fomentos, ou seja, espaço no orçamento cultural público da cidade. A lei de fomento também vai exercer um papel importante para os coletivos. São criadas associações como o Fórum Nacional do Reggae a fim de organizar e captar recursos por meio de editais e leis de fomento. O papel dos coletivos, hoje, tem sido pressionar pela aprovação de lei específica para o reggae, cuja situação está a ser aprovada em segunda votação na câmara de vereadores. Apesar do caráter de institucionalização, e diferenças com o movimento maranhense, que foi sede das influências sound system no Brasil, a cena cultural em São Paulo apresenta-se fortalecida.

Cap II - A territorialidade do movimento reggae em São Paulo

2.1. As festas sound system

Ontem a noite quase não dormi de ansiedade, tem sound system do outro lado da cidade.

Monkey

Jhayam

Diante dos processos de avanço, a territorialidade do movimento sound system no centro de São Paulo torna-se evidente, uma das expressões disso são os sistemas de som tornando-se parte da programação cultural da cidade.

Em entrevistas para este Trabalho de Graduação Individual, os coletivos organizadores de eventos percebem as festas que acontecem no centro como espaço de encontro. Sobretudo, as festas gratuitas nas ruas bem características do centro da cidade.

O primeiro coletivo criado, Dubversão, continua atuando no centro da cidade. Como apresentado na exposição Jamaica, Jamaica! (2018), os integrantes deram início a outras festas devido ao desenvolvimento do reggae em outros subgêneros. Como a festa "Java" que ocupa a mais de 10 anos casas noturnas do centro.

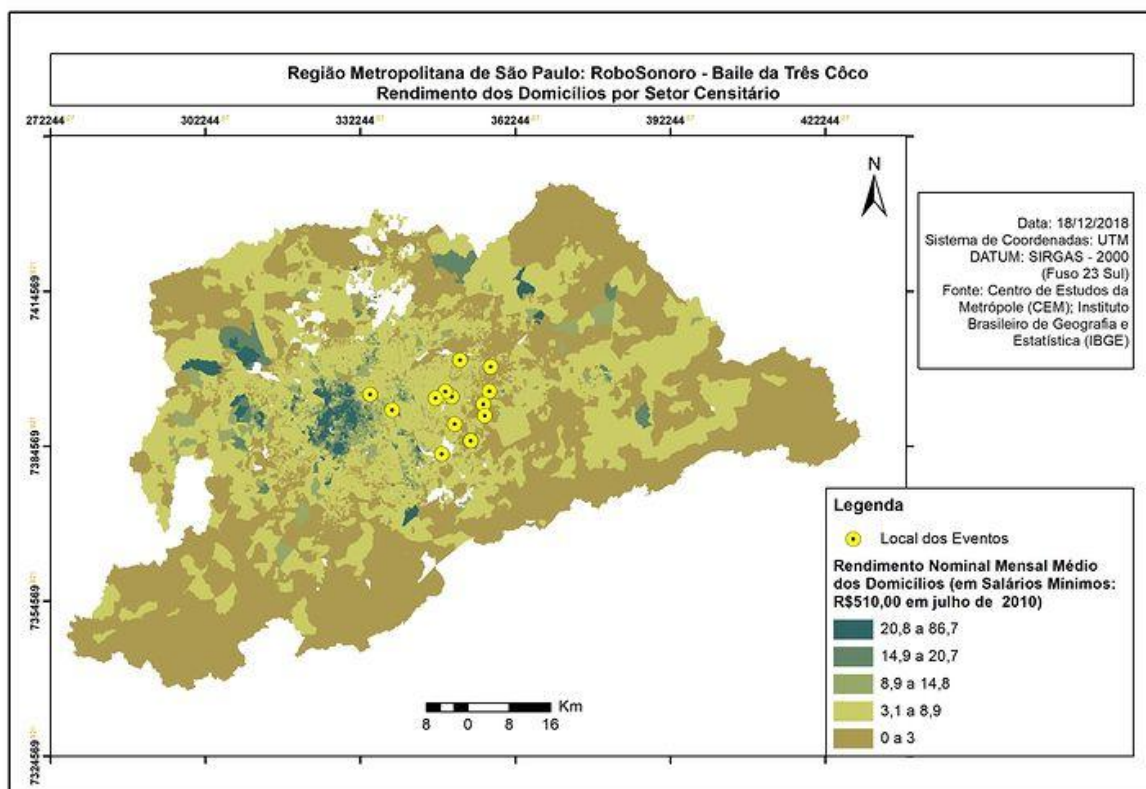
O desenvolvimento da cultura sound system progrediu rapidamente em São Paulo, por consequência, o movimento alcançou ainda mais espaço (na cultura) em 2010. Através da participação e de conquistas em programas de fomento à cultura do município de São Paulo, como VAI e Fomento à Cultura da Periferia, as equipes de sound system fortalecem-se às centenas e iniciam sua expansão nas periferias da cidade, assim, territorializando-se (2001).

Os participantes das festas de sound system saem do bairro de periferia em que moram para outra favela num ponto distante da cidade. Rafael Abel, um dos entrevistados deste trabalho, aos 23 anos, quando era morador de Osasco, conta que frequentou fielmente o baile da 3 Coco em Itaquera, na zona leste.

Observa-se a distribuição do sistema de som, que segundo o movimento é o responsável por levar o sound system para as *quebradas*¹. O sistema de som da Favela 3 Coco fica em frente ao metrô Itaquera. Mapeamos as festas do coletivo nos últimos utilizando a agenda da festa disponível na rede Facebook.

¹ quebradas: nome dado aos bairros periféricos da cidade de São Paulo.

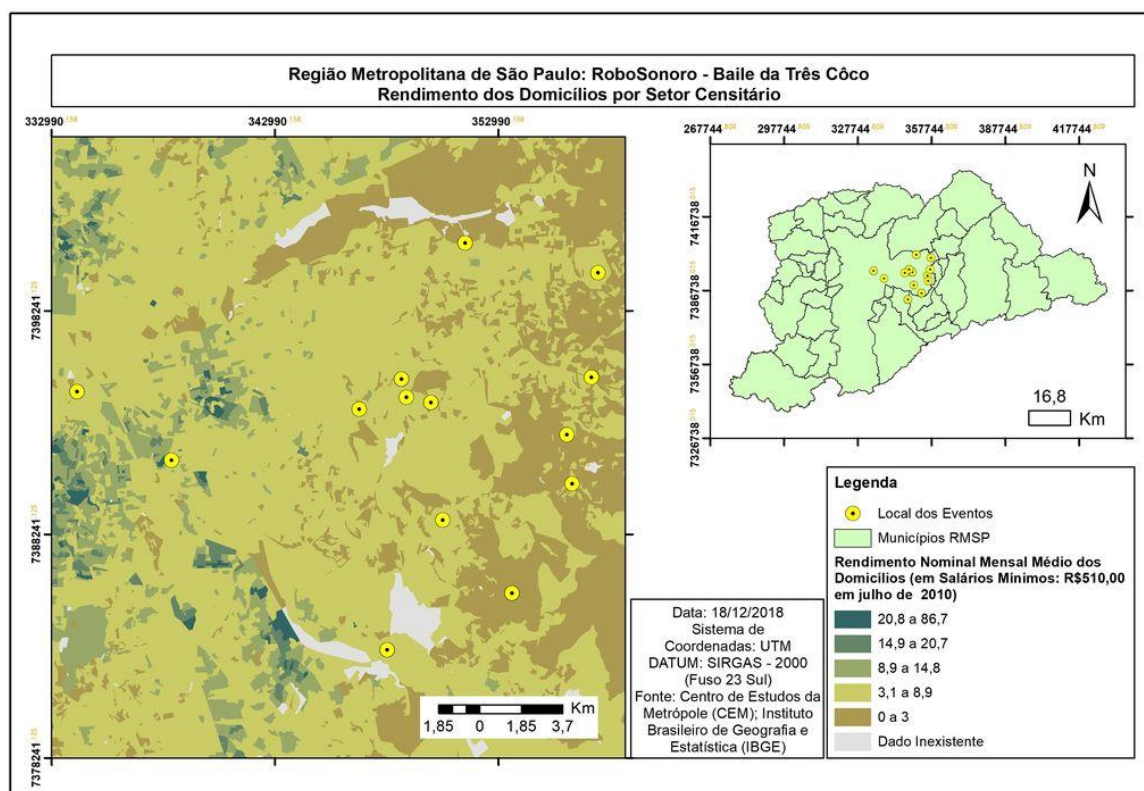
Ao utilizar a rede social Facebook, ferramenta mais popular em acessos no Brasil, pode-se encontrar páginas relacionadas às equipes no sistema de sons. De fato, é possível encontrar centenas de coletivos ao visitar páginas no Facebook, dos principais e mais antigos sistemas de sons da cidade. Dentro da plataforma, também há uma ferramenta de eventos em que é registrado todas as festas realizadas pela equipe nos últimos dois anos. Com o recurso tecnológico, foi possível organizar as festas e reunir convidados de diversas regiões da cidade.



Mapa da distribuição das festa do Baile da 3 Coco, em Itaquera.

A distribuição das festas e dos coletivos que se estabelecem na periferia seguem o mesmo padrão das festas da Favela 3 Coco. O local onde as festas são alocadas não diferenciam de outras favelas, ou seja, em espaços destinados ao lazer, que são basicamente o campo de várzea ou em algum bar ou pequeno comércio. Na fanpage, no Facebook, do Baile da 3 Coco, elaborou-se uma enquete democrática em que os seguidores (frequentadores das festas) foram questionados acerca do melhor local para ocorrer o evento. As opções eram dentro da favela, no beco ou na parte de baixo do campo. Como resultado, a preferência do público esteve sobretudo entre as opções dentro da favela, na vila e nas partes altas.

Observando o mapa elaborado, locais das festas seguem este padrão na maior parte dos eventos localizados em bolsão viário ou trilhos e metrô e trem, também apontados como territórios onde há menor renda média dos salários mínimos.



Mapa distribuição do Baile da 3 Coco em São Paulo.

Para o entrevistado, o centro da cidade também adquire outra importância para o movimento, permanecendo ainda como lugar de encontro, no entanto, não é o único, os bailes de favela tornaram-se lugar central para a visibilidade do movimento ou para a afirmação de um coletivo. Certas localidades e favelas da cidade de São Paulo transformaram-se em centro para o movimento, como a festa que acontece na Favela do Sapé, na zona oeste da cidade.

Pode-se dizer, contudo, que o comportamento apresentado diferencia-se bastante dos primeiros sistemas de sons que tem como base o centro da cidade. As festas nas periferias aproveitando-se de uma mesma linguagem identitária e símbolos, já adquiriram forma, história e modelo definido, que podem ser observados nos circuitos de Periferia da cidade de São Paulo. Algumas favelas, como a favela do Sapé, adquiriram centralidade e importância para o movimento.

Nos eventos promovidos na favela acontecem diversos encontros, inclusive internacionais, como a presença de artistas jamaicanos, bandas e DJ 's de diversas



Sistema de Som do Baile da 3 Coco, em Itaquera.
regiões da cidade.

Outra característica observada é o trabalho colaborativo entre as equipes de som, considerada esta uma das características do desenvolvimento do reggae em São Paulo. Nas festas sound system, as favelas se visitam. Os donos das equipes de som carregam suas caixas, seus cabos e suas coleções de discos numa abrangência impressionante na cidade. O público desses eventos percorrem toda a cidade e, a trajetória dos encontros, torna-se parte do evento. Ao entrevistar participantes de festas sound system, quando perguntados sobre qual localidade mais longe já foram para ouvir um reggae. A resposta foi: “conta fora de São Paulo?”.

Para compreender a abrangência da territorialidade do movimento reggae/rastafari em São Paulo, e que possibilita que os atores sociais do movimento consigam deslocar-se e estabelecer-se em diferentes bairros da periferia, Castells (2000) acrescenta um componente. Ao tratar do processo e relações espaço-símbolo, a ideologia, sendo constituída de diversas formas, principalmente de forma generalizadora por meio de códigos, permite que a comunicação seja dada

por meio do reconhecimento entre os indivíduos e do reconhecimento de um mesmo código. Dessa forma, tem-se o movimento reggae sound system como espaço coletivo solidário, de pertencimento.

A migração pendular, característica presente no cotidiano dos frequentadores de sound system, expressa a produção deste espaço. Rafael Abel, em último encontro para colaborar com este trabalho, questiona “ Como é possível na cidade de São Paulo ter uma equipe localizada no extremo leste na favela 3 cocos Itaquera realizar seu evento em conjunto da favela do Sapé no extremo oeste da cidade?”

Espantado com a potência do sound system, segue-se a reflexão de que, evidentemente, há na cidade de São Paulo uma construção de uma ideia de Periferia. Boa parte das favelas ou das periferias da cidade possuem os mesmos códigos culturais simbólicos e territoriais que possibilitam intercâmbio cultural e econômico próprio das periferias, característico das periferias.

"No processo de reconhecimento de um mesmo código pelos indivíduos em relação ao espaço-símbolo, o território torna-se: suporte e produto de formação de identidades individuais e coletivas, despertando sentimentos, de pertencimento e de especificidade. As representações sociais, imagens, símbolos e mitos projetam-se e materializam-se no espaço, transformando-se em símbolos geográficos, fornecendo referências e modelos comuns nos atores sociais e cristalizando uma identidade territorial. "(ALBAGLI, 2004, p.39-40).

Evidentemente que os códigos e símbolos e a formação de uma periferia comum no imaginário paulistano já estava estabelecida, principalmente pelo hip hop que começa a fazer parte da indústria cultural estabelecida. Assim, a cultura sound system herda esse espaço.

Ao considerar Albagli (2004) e, assim, o território por meio da óptica da identidade, pode-se analisar como tais identidades são formadas dentro do processo complexo da vida urbana por uma população segregada. O movimento sound system, que, agora, explode na cidade de São Paulo, aproveitou-se desta rede territorial já estabelecida, há décadas atrás, por movimentos de lutas anticoloniais e movimentos culturais, como o Hip Hop.

"Ao menos no caso de São Paulo, a máxima “ periferia é periferia em qualquer lugar” tem prevalecido como ponto unificador para além de rivalidades de gangues, bairros e regiões"

D'Andrea (2013,

p.273)

Conclui-se, dessa forma, que há uma construção de um código próprio das periferias da cidade de São Paulo, que permite a circulação efetiva das pessoas. Sob tais códigos, o trabalhador ou o artista é reconhecido em seu direito a fruir desse território.

2.2 Os sujeitos por trás do coletivos

Segundo D'Andrea (2013, p.273), em determinado momento histórico, a auto-atribuição periférico passou a ser mais utilizada do que a categoria trabalhadora, fundamentalmente pelos jovens moradores da periferia. Tal condição está relacionada à auto-estima da periferia, questão que observa-se no movimento sound system, uma vez que os frequentadores não ficam limitados apenas ao evento no seu bairro, o território torna-se pertencente a eles em diversos outros bairros da cidade. O distanciamento entre as quebradas, por exemplo, não impede a reunião dos coletivos e participação das festas.

Os frequentadores de sound system tem diversas ocupações, são trabalhadores do telemarketing, funcionários públicos, professores, estudantes, trabalhadores do entretenimento e da cena cultural da cidade, além dos coletivos. O coletivo é composto pelas caixas de som, colecionador dos discos e o DJ, podendo contar também como MC².

De acordo com D'Andrea (2013), três características resumem o sujeito periférico, a primeira é quando “assume sua condição de periférico (de periférico em si a periférico para si)”, em segundo “tem orgulho de sua condição de periférico (do estigma ao orgulho)” e, por fim, “Age politicamente a partir dessa condição (da passividade à ação)” (2013, p. 174).

Hilton, morador de Osasco e vendedor de discos de vinil, um dos entrevistados neste trabalho, possui um projeto chamado "Cultura na Calçada", que

² MC é um acrônimo para Mestre de Cerimônia. Pode ser um artista que atua no âmbito musical ou apresentador de um determinado evento.

é acervo de diversos discos de vinil. Quando questionado sobre o projeto de sound system que não obteve sucesso, apresentou as divergências entre os membros do coletivo que estava participando. O debate gerador de desconfortos estava relacionado à conduta face ao patrocínio privado, em que discordavam querer auxílio de qualquer tipo de empresa, casas de shows ou mesmo lugares pequenos. No entanto, o grupo pleiteava do Estado edital para garantir a sua existência. Com isso, manifestou-se neste coletivo que podiam aceitar dinheiro público, pois viam como reparação histórica. No entanto, fomento privado para produção de eventos sound system foi vista como "vendendo o coletivo".

A prefeitura de São Paulo, nos últimos 8 anos, já fomentou com milhões de reais a cultura reggae. Os coletivos têm se articulado e organizado cada vez mais a produção de atividades voltadas para a cultura reggae/rastafari. Somente na última década, foi criado o Fórum do Reggae, dedicado a atrair os coletivos envolvidos na Cultura para aprovação de um políticas públicas para incentivo da Cultura Reggae com orçamento próprio. A partir da criação de culturas de fomentos para as periferias, o movimento também experimentou o avanço. Os editais distribuídos a projetos culturais beneficiaram muito a expansão do modelo sound system.

As leis de movimento resultaram no desenvolvimento do sound system, que agora com suas tarefas mais organizadas, possui um fundamento específico dentro do orçamento destinado ao fomento da cultura na periferia. A contradição, contudo, apresenta-se na relação que o movimento tem com o Estado, que, a partir de seu caráter complexo, tem disseminado distintas opiniões entre o movimento.

Se por um lado tem uma fatia do orçamento cultural destinado a cultura sound system, já comprovadamente enraizada na periferia da cidade, por outro, o Estado com seus outros tentáculos de repressão segue sem projeto para as áreas excluídas

da cidade ou com projeto de violência e ostensividade. Muitas vezes, temos um estado que mata e depois paga a festa. Segundo relatos de frequentadores de sound system, o sistema é cruel porque obriga a classe artística e que se mobiliza nas periferias da cidade a receber de um estado, com uma mão, fomentos da cultura, com a outra, controle sobre a cultura. Dessa forma, reflete-se no movimento, hoje, a violência que o estado aplica sobre a periferia.

2.3 O lugar do Sound System

As festas nas periferias só são possíveis graças aos laços de sociabilidade tecidos nas relações cotidianas existentes nos bairros populares. Se a territorialidade do movimento sound system, que expressa por suas festas, é marcada pelo vivido e o simbólico, a mobilização coletiva é necessária para a realização de uma festa, ou mesmo para formação de um coletivo, alinhando-se ao cotidiano e conceito do lugar. Portanto, aponta Serpa (2005):

"As relações de vizinhança constituem um caso particular de "redes do cotidiano". Elas são ainda muito condicionadas pelas diferenças entre classes sociais. Nos bairros populares, a limitação de oportunidades, a pobreza e o isolamento relativos, a insegurança e o medo acabam por fortalecê-las e torná-las parte fundamental da trama de relações familiares. Nos bairros de classe média, as relações entre vizinhos são mais seletivas e pessoais e, na maior parte dos casos, o maior poder aquisitivo faz diminuir a necessidade de ajuda mútua e aumentar a necessidade individual de espaço" (SERPA, 2005, p. 213-214).

A apropriação da sound system pela juventude paulistana, de certa forma, demonstra esse diálogo entre o local e o global, entre o lugar e o mundo. A rua, por ser um ambiente público, se destaca nesse processo de apropriação. Solidariedade, a sociabilidade e os laços de vizinhança existentes nesses bairros servem como elementos potencializadores e determinantes para o acontecimento das festas e formação dos coletivos.

"Parece, no entanto, que 'lugares' existem e persistem nas 'brechas' metropolitanas, sobretudo nas áreas populares da cidade" (SERPA, 2011a, p.23). Nos bairros populares das metrópoles capitalistas são os moradores os verdadeiros agentes de transformação do espaço. Eles se articulam em "rede", não em uma rede única, mas em redes superpostas" (SERPA, 2011b, p.98).

E é por meio do lugar, da consciência de sua condição no lugar, que os jovens de periferia, quando decidem por fazer parte do movimento sound system nas periferias, tendem a ter uma maior consciência do mundo.

"Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo obtida através do lugar" (SANTOS, 2008a, p. 161).

Os fatos históricos e culturais são fundamentados nas experiências marcadas pela prática do cotidiano e os vínculos afetivos que cada lugar apresenta, tendo em conta as subjetividades do espaço vivido, mesmo que a periferia paulistana "fale a mesma língua", obedecendo ao mesmo código, cada coletivo se articula e se forma através do lugar, adquirindo características próprias expressa nos espaços ocupados pela festa, como praça zumbi dos Palmares ou no nome do coletivo.

O sentimento topofílico segundo Tuan (1983) consiste numa forte ligação entre o sujeito e o ambiente físico denominado como lugar, esse elo surgirá como resultado das experiências geradas entre os sujeitos e os lugares unidos ao fator temporal.

O jovem envolvido na cultura reggae passa através do lugar a uma condição de sujeito periférico e toma sua posição frente as lutas no mundo. Diversos coletivos são engajados com uma causa. Os lugares são construídos pelos sujeitos.

Apropriação simbólica e as singularidades são traços do lugar e constituem na forma em que as mediações dentro da periferia são estabelecidas. Considerando que demanda tempo para a construção do espaço vivido, para que um espaço seja constituído como lugar, estabelecendo dessa maneira uma relação mais profunda e significativa.

Se para Tuan (1983), lugar é diferença, pois é conhecido e carregado de valor, o espaço no entanto, é o indiferenciado, uma vez que não é conhecido. Assim, lugar e espaço são duas categorias distintas e que se unem através da experiência. O espaço é liberdade, o lugar é segurança. O reggae parece ter encontrado seu lugar nas periferias paulistas.

Capítulo III - O Reggae agora é lei!

3.1 Organização dos coletivos para conquistar fomentos públicos: criação do fórum do reggae

Com o passar dos anos, na cidade de São Paulo, pôde-se observar o sound system expandindo-se para além dos centros urbanos. O estudo deste trabalho, também considera a parte segregada da cidade, portanto, é possível avaliar a perspectiva do território enquanto espaço de poder - com seus símbolos e identidades (ALBAGLI, 2003).

Já analisada a questão identitária do movimento, reconhece-se a necessidade de compreender o papel do Estado nas transformações estruturais do movimento, além de sua politização institucional.

Considerando Haesbaert (2001), o território desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação política-econômica mais 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou "cultural simbólica".

O território, como já mencionado, não é observado como unifuncional. É retratado o caráter mais simbólico ou mais funcional da multiterritorialidade - tal como no território - ela aparece ora com uma maior carga simbólica (a exemplo das grandes diásporas de imigrantes), ora mais funcional. Assim, pode-se dizer que o território de diáspora é um território múltiplo, tanto no sentido de coexistirem diferentes formas territoriais justapostas quanto no sentido de serem vivenciados distintos territórios simultaneamente (2001).

O ritmo reggae é oriundo da diáspora na Jamaica e os Sound System (sistema de som) tornam-se símbolos de expressão no espaço. Portanto, territorializa-se de diferentes maneiras. Um dos efeitos da expansão da cultura sound system para as periferias da cidade trouxe à tona a criação de diversos coletivos da linguagem reggae/rastafari a fim de conquistar fomentos públicos para a territorialização do movimento na cidade, expressados no espaço a partir dos eventos públicos (festivais, shows), oficinas e propagandas do movimento.

A partir disso, os sujeitos periféricos, em inúmeras personagens do movimento, passam a ações de viés político institucional. A criação Fórum do Reggae, em 2016, teve como intuito, através de uma gestão horizontal e autogestionada, dois principais focos: construir políticas públicas e proporcionar o encontro dos coletivos a fim de promover a integração entre os grupos e indivíduos (Fórum do Reggae, 2021). A apropriação do território, neste sentido, vai ao encontro dos interesses coletivos e sociais da comunidade Reggae e Rastafari.

Reggae é ancestralidade, Reggae é resistência, Reggae é espiritual, Reggae é política, Reggae é MÚSICA, Reggae é Cultura, REGGAE É A LEI!

O Fórum procura garantir as leis, federal 12630/12 e municipal 16433/16 dentro do Estado Nacional Brasileiro, e ainda articula o projeto de lei "PL478/2019" que tramita na Câmara dos Vereadores da cidade de São Paulo, através de políticas públicas e do fortalecimento da rede Reggae Rastafari, bem como a propagação da cultura Reggae, reconhecida em 29 de novembro de 2018 como "Patrimônio Cultural Intangível da Humanidade" pela UNESCO. (Fórum Do Reggae, 2021)

Observa-se, neste trabalho, o território sound system territorializando-se de diferentes maneiras, tanto através do movimento reggae no Maranhão quanto com a presença dos bailes de em São Paulo. Além disso, também territorializa-se através de projetos de lei municipais para fomentos, visto que a sociedade participa e são impactadas pelas repercussões destas multiterritorialidades.

3.2 Aprovação da Lei do Reggae

O Projeto de Lei 0478/20019, surgiu em decorrência da movimentação desses coletivos que foram formados a fim de conquistar fomentos. A fim de considerar tal expressão do reggae, e suas influências, em 2019 um grupo de vereadores, apoiados por diversos coletivos, desenvolveu um projeto de lei para incentivar a cultura reggae rastafari em São Paulo.

De acordo com o Fórum do Reggae (2019), em 30 de junho de 2019, na praça da República, no centro de São Paulo, foi um dia histórico para o reggae. Nesta data, 30 mil pessoas reuniram-se a fim de celebrar, por meio de diversas expressões culturais, a linguagem do reggae/rastafari. No mês de Agosto, de acordo com o coletivo (2021), "foi protocolado o projeto de lei que cria o fomento para a linguagem dentro do município de São Paulo, sendo deferido em total legalidade pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara de São Paulo".

O PL 0478/2019, impulsionado pelos vereadores Alfredinho (PT), Juliana Cardoso (PT), Soninha Francine (CIDADANIA 23), George Hato (MDB), Toninho

Vespoli (PSOL) e Eduardo Matarazzo Suplicy (PT), visa fomentos para a difusão, capacitação de artistas, produção de eventos e empreendedorismo relacionados à Linguagem de Cultura Reggae/Rastafari, de movimento de diáspora.

Segundo o Fórum do Reggae (2021), o intuito destes fomentos é coordenar e desenvolver atividades que valorizem a linguagem reggae/rastafari no município de São Paulo, à nível cultural, profissional, social e econômico. A diáspora apresenta-se nestes objetivos através da valorização de culturas de origens africanas presentes em territórios brasileiro e paulistano.

A partir de Haesbaert (2007), entende-se que o território sound system é ocupado em caráter de apropriação, assim, parte de um processo simbólico, carregado de marca do vivido, do valor de uso. No entanto, manifestam-se novas relações de poder e, outras multiterritorialidades a partir disso.

Assim, evidencia-se as diferenças no desenvolvimento da cultura reggae/rastafari maranhense frente ao processo que aconteceu em São Paulo.

3.3 Será que movimento reggae em São Paulo sound system é um movimento social?

Face a toda organização do movimento e atuação dos coletivos e criação de espaço de luta, o movimento reggae pode ser considerado um movimento social. SANTOS (2008), em seu trabalho sobre a identidade e território do movimento hip-hop destaca os conceitos de movimento sociais na geografia e nas ciências sociais.

Para alguns autores, existe diferença entre ação coletiva e movimentos sociais. E os principais pontos diferenciais entre ambos seriam o tempo e as formas de ação. Segundo Souza (2009), o conceito intermediário entre ação coletiva e movimento social é o de ativismo social, fazendo questão de diferenciá-los.

Concebemos o conceito de movimentos sociais como Souza (2009), por entender que existem determinadas diferenças entre movimento social, ativismo social e ação coletiva, e, devido a isso, nem toda ação coletiva deve ser tratada como movimento social.

Conceitualmente, movimento social é um subconjunto de ativismo, que por sua vez é um subconjunto de ação coletiva. A ideia de movimentos sociais proposta por Souza (2009) consiste em perceber os movimentos sociais como algo que se dá

por um caráter mais duradouro (tempo), mais organizado e ambicioso, politicamente falando.

Por toda a atuação do movimento reggae, seus fórum de representatividades e o espaço no orçamento e nas políticas públicas da cidade de São Paulo, os movimentos reggae também poderiam ser considerados como autênticos movimentos sociais. O movimento apresenta propostas e ações com caráter duradouro e se baseia em ações políticas concretas, desenvolvendo processos de transformações efetivas na sociedade.

Considerações Finais

Diante do que foi exposto ao longo do texto, pode-se tirar algumas conclusões sobre a territorialidade do Reggae em São Paulo. Primeiro, ressalta-se como ponto de partida para o movimento o impacto das caixas de som na paisagem, este foi o primeiro elemento responsável pelo começo do movimento e da apropriação do primeiro espaço público pelo Reggae.

Em questão, destaca-se a importância das políticas públicas para o desenvolvimento do movimento sound system em São Paulo, referindo-se ao conceito de *sujeito periférico* para compreender a formação e atuação das pessoas envolvidas nos coletivos. Diferente do Maranhão, ou mesmo da própria Jamaica, os sistemas de som em São Paulo são caracterizados pela colaboração entre os coletivos, resultando em fundação de fórum, associações e coletivos voltados a captar políticas públicas para o movimento.

O componente ideológico, acrescentado às relações espaço-simbólicas, ao tratar da territorialidade do movimento reggae na periferia, foi importante para compreender as colaborações entre os coletivos de diversas cidades e o comportamento do público.

Destaca-se também que a apropriação da cultura reggae pela juventude paulistana desenvolveu-se a partir das práticas criadoras, por meio do cotidiano e das especificidades dos lugares, da insurgência e da subversão da ordem global.

A partir disso, evidencia-se que, ao se apropriarem da cultura Reggae, se apropriam também de sistema técnico que a produz, inserindo novos elementos e instrumentos técnicos a partir das especificidades dos lugares.

Por fim, considerando que o território da diáspora é um território múltiplo, tanto no sentido de coexistirem diferentes formas territoriais justapostas quanto no sentido de serem vivenciados distintos territórios simultaneamente. Sendo o ritmo reggae oriundo da diáspora jamaicana e os sounds system de som como símbolo de sua expressão espacial, conclui-se que a cultura reggae apresenta-se como uma cultura mundializada, que se territorializa em São Paulo, como território da diáspora, através de uma apropriação de maior carga cultural-simbólica do espaço

Referências Bibliográficas

Albagli, S. Informação, territorialidade e inteligência local. (2003). En: V ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Belo Horizonte. Escola de Ciência da Informação da UFMG

Brasil, Marcus Ramusyo de Almeida. **O reggae no Maranhão: música, mídia, poder**. São Paulo, Pontifícia Católica de São Paulo (PUC-SP). Tese de Doutorado, 2011.

CASTELLS, M. O Poder da Identidade. 5º ed. São Paulo: Paz e terra, 2006.

Garvey, Marcus. **Procure por Mim na Tempestade - De pé raça poderosa!** Seleção Tradução e Organização Ciclo de Formação Marcus Garvey, 2017.

D'Andrea, Tiaraju. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. Tese (doutorado em sociologia). São Paulo, Universidade de São Paulo, 2013a.

Fórum do Reggae. **Nota sobre a trajetória de lutas pela cultura Reggae/Rastafari**. <https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=439364630352612&id=100028372377196>. 2021

HAESBAERT, Rogério. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR. Vol. 3. ANPUR, Rio de Janeiro, 2001.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MARQUESE, Rafael B. **A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX**. São Paulo: Novos Estudos, CEBRAP, 74, p. 107-123, Março de 2006.

LEFÈBVRE, H. Lógica Formal, Lógica Dialética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Moraes, 1991.

MOREIRA NETO, Euclides Barbosa. **O poder simbólico das radiolas de reggae na cultura maranhense**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), 2011.

PRESTA, Gustavo Antoniuk. **Transgressão e Resistência nas estéticas do Rastafári**. Revista Ciclos, Florianópolis, V.2, N. 4, Ano 2, Fevereiro de 2015.

Poder 360. **Caetano Veloso discursa em audiência do STF sobre o Conselho Superior do Cinema**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ny5XL3yyAL8&ab_channel=Poder360> . Brasil, 2019, 10min.36s - Direção: poder360.com.br. Acesso em: 18 de Setembro, 2020.

Revista SESC. **Jamaica, Jamaica!** <Exposição realizada de 15 de Março a 26 de Agosto>. 2018.

SANTOS, C. J. dos. O Movimento Hip-Hop: Território(s) e Identidade(s) da Posse Zumbi no Bairro Nordeste de Amaralina em Salvador – Ba. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), Licenciatura em Geografia. Universidade Estadual da Bahia - UNEB, Jacobina, 2008

SANTOS, Milton. Da totalidade ao lugar. São Paulo: Edusp, 2005.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. **Da terra das Primaveras à Ilha do Amor - reggae, lazer e identidade cultural**. São Luís: EDUFMA, 1995.

SERPA, A. **Por uma Geografia das representações sociais**. Revista OLAM – Ciência & Tecnologia, Rio Claro - SP, v. 5 n. 2, 2005a, p. 220 – 232. _____. Mergulhando num mar de relações: redes sociais como agentes de transformação em bairros populares. Geografia, Rio Claro – SP, v.30, n. 2, 2005b, p. 211 – 222.

SOUZA, M. L. Com o Estado, apesar do Estado, contra o Estado: os movimentos urbanos e suas práticas espaciais, entre a luta institucional e a ação direta. *Cidades: Revista Científica, Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos*, v. 7, n. 11, 2010.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*: Difel, 1983.